

LAEA LIVRO Zero

Capítulo A3

O Dia Em Que Eu Sofri Perseguição Religiosa

(Ou, Da Importância Das Palavras Serem Bem Interpretadas)

Escrito em 31-OUT-2020

No início de 1964 minha família mudou-se para Olinda. Meu pai havia saído de um emprego onde havia ficado por 15 anos e recebeu uma bolada que usou para comprar uma casa no Bairro Novo, à rua Professor Manoel de Almeida Belo, 1184.

Eu ainda ia fazer dez anos, em abril, e a nova vizinhança impunha grandes mudanças de hábito. Na moradia anterior, na Encruzilhada, à rua Miranda Cúrio, 260, eu vivia uma vida reclusa e só saía com algum adulto me acompanhando. Em Olinda era completamente diferente.

Houve mudança notável também na escola. Na Encruzilhada eu vinha cursando o Instituto Santo Expedito, que ficava na avenida Beberibe, a quatro quadras de minha casa, e que hoje não existe mais. Lá havia a prática de dar uma medalha ao melhor aluno da classe a cada mês, e uma medalha ao final do ano, para o aluno que conseguisse a medalha mensal em todos os meses. No último ano que estudei lá, 1963, eu consegui essa medalha.

Eu sempre fui muito estudioso e era incentivado pelos presentes que me davam no meu aniversário e no Natal, principalmente livros. Os títulos eram bem sugestivos : “Triunfos da Ciência Moderna”, “Os Submarinos Nucleares”, “Hércules - O Avião Mais Poderoso” e “O Que Faz Um Cientista?”, entre outros. Assim que, aos dez anos eu já havia lido sobre vírus, id/ego/superego, reações atômicas, DNA, e antibióticos.

Em Olinda eu fui cursar a 4ª série primária, que hoje equivale ao 5º ano do ensino fundamental, no Ginásio Imaculado Coração de Maria, dirigido por Irmã Edmunda Montenegro.

Um dia, não lembro o dia nem o mês, a professora da minha turma, da qual não lembro o nome, resolveu fazer uma pergunta aos alunos e havia um prêmio para quem respondesse primeiro e certo.

A pergunta foi : “Quem inventou o rádio?”

Imediatamente eu levantei-me e respondi : “Guilherme Marconi.”

Ao que a professora disse : “Está errado.”

E uma aluna levantou-se e disse : “Madame Curie!”

E a professora declarou : “Está certo!”

GUGLIELMO MARCONI

Guglielmo Marconi (Bologna, 25 de abril de 1874 - Roma, 20 de julho de 1937) foi um físico e inventor italiano. Em língua portuguesa, é por vezes referido por Guilherme Marconi.

A maioria dos autores afirma que Marconi foi o inventor do primeiro sistema para telégrafos sem fios. Sua transmissão foi realizada no Canal da Mancha em 1899. Mais ou menos na mesma época o austríaco, naturalizado norte americano, Nikola Tesla (1856-1943) também realizava seus estudos.

Tesla fez a patente de seus estudos e, em 1943, a Suprema Corte Norte Americana considerou-o inventor do rádio.

Em 12 de outubro de 1931 Marconi acendeu, apertando um botão em Roma, as luzes do Cristo Redentor na noite de inauguração da estátua.

MADAME CURIE

Marie Skłodowska Curie (Varsóvia, Reino da Polônia, 7 de novembro de 1867 — Passy, Alto Savoy, 4 de julho de 1934) foi uma cientista e física polonesa naturalizada francesa, que conduziu pesquisas pioneiras em todo o mundo no ramo da radioatividade.

Foi a primeira mulher a ser laureada com um Prêmio Nobel e a primeira pessoa e única mulher a ganhar o prêmio duas vezes.

As conquistas de Marie incluem a teoria da radioatividade (termo que ela mesma cunhou), técnicas para isolar isótopos radioativos e a descoberta de dois elementos, o polônio e o rádio.

Sob a direção dela foram conduzidos os primeiros estudos sobre o tratamento de neoplasias com o uso de isótopos radioativos.

A PERSEGUIÇÃO

Eu sabia que eu estava certo. Eu havia ponderado e minha resposta levou em consideração o uso da palavra “inventou” pela professora. Caso ela tivesse perguntado quem “descobriu” o rádio eu teria respondido Maria Curie, é claro.

Eu tentei argumentar e fui dispensado.

Não lembro se havia algum prêmio, mas a colega que respondeu “Madame Curie” foi aplaudida.

Sentindo-me revoltado com aquela injustiça e mesmo insultado pela professora que era uma “ignorante”, eu achava, peguei minhas coisas e saí correndo da sala de aula e passei pelos portões do colégio, em direção à minha casa, que ficava a uns sete quadras dali.

Após caminhar um tempo, notei que a diretora do colégio, que era conhecida como Madre Edmunda, vinha em meu encalço dirigindo a famosa Kombi com a qual ela se deslocava pela cidade. Então comecei a correr.

Na esquina seguinte ela ficou à minha frente e bloqueou meu caminho para casa. Então eu entrei à esquerda, na rua Maria Ramos, e continuei correndo. Isso retardou Madre Edmunda um pouco, pois teve que fazer uma manobra, mas ela continuou a me perseguir.

Já me sentindo perdido eu passei em frente à casa de meus amigos Joel e Ricardo e entrei correndo pelo portão, para me esconder. A mãe deles, dona Maria, me perguntou o que estava havendo. Antes mesmo de eu responder a Kombi parou em frente da casa e dela desceu Madre Edmunda, com aquele olhar duro e firme que ela sempre teve. Dona Maria foi ao portão e que fiquei atrás, assistindo à cena.

Eram duas mulheres de personalidade muito forte e Madre Edmunda disse que eu havia fugido do colégio e que ela tinha vindo me buscar. Dona Maria respondeu que só me entregaria à minha mãe. Não lembro quanto tempo durou o enfrentamento, mas Madre Edmunda desistiu e foi embora.

Dona Maria me pegou pela mão e me levou em casa, que ficava a três quadras de distância.

E essa é história de quando eu fui perseguido por uma religiosa.